ATUAÇÃO DA FISIOTERAPIA NA ESTENOSE VAGINAL PÓS-RADIOTERAPIA: UMA REVISÃO DA LITERATURA

TALITA DE OLIVEIRA LIMA; VILENA BARROS DE FIGUEIREDO; ALAINE SOUZA LIMA ROCHA

RESUMO

Introdução: A estenose vaginal é uma complicação frequente em mulheres que passam por radioterapia pélvica no tratamento de cânceres ginecológicos. A formação de tecido cicatricial e a redução da vascularização e elasticidade dos tecidos vaginais são as principais causas da estenose vaginal após a radioterapia. **Justificativa:** Devido a natureza multifacetada da estenose vaginal, é essencial investigar e consolidar as intervenções fisioterapêuticas disponíveis que possam atenuar esses impactos negativos. **Objetivo:** Descrever as opções de intervenção fisioterapêutica disponíveis e sua eficácia no manejo da estenose vaginal em mulheres que foram submetidas à radioterapia pélvica. **Métodos:** Trata-se de revisão bibliográfica da literatura, em que foram realizadas buscas nas bases de dados PubMed, Scopus e Scielo utilizando as palavras-chaves: "estenose vaginal", "radioterapia", "fisioterapia", "oncologia" e "saúde da mulher". A seleção dos estudos incluiu artigos publicados nos últimos 10 anos, em português e inglês, que abordassem a atuação da fisioterapia no tratamento da estenose vaginal pós-radioterapia. **Resultados:** A análise revelou várias intervenções fisioterapêuticas eficazes no manejo da estenose vaginal. O uso de dilatadores vaginais mostrou-se eficaz em manter ou aumentar o diâmetro vaginal, reduzindo a dor e facilitando a atividade sexual. A massagem perineal e técnicas de terapia manual auxiliam na mobilização dos tecidos cicatriciais, melhorando a elasticidade e reduzindo a rigidez dos tecidos vaginais. O treinamento dos músculos do assoalho pélvico (TMAP) fortalece o assoalho pélvico, promovendo um melhor suporte e função dos músculos vaginais. A fotobiomodulação atua na regeneração tecidual e na redução da dor, promovendo a cicatrização adequada dos tecidos irradiados. **Conclusão:** A Fisioterapia desempenha um papel crucial no tratamento e prevenção da estenose vaginal em mulheres submetidas à radioterapia pélvica. As intervenções fisioterapêuticas demonstraram eficácia significativa em melhorar a função vaginal e a qualidade de vida das pacientes. A integração dessas abordagens em um programa de reabilitação personalizado, iniciado precocemente, é fundamental para mitigar os impactos físicos, psicológicos, sexuais e sociais dessa condição.

Palavras-chave: oncologia; radioterapia; estenose vaginal; fisioterapia; saúde da mulher.

1 INTRODUÇÃO

A estenose vaginal é uma complicação frequentemente observada em mulheres submetidas a radioterapia pélvica no tratamento de cânceres ginecológicos. Esta condição é caracterizada pelo estreitamento e encurtamento do canal vaginal, resultando em sintomas como dor, desconforto, e dificuldades durante as relações sexuais e exames ginecológicos. A formação de tecido cicatricial e a redução da vascularização e elasticidade dos tecidos vaginais são as principais causas da estenose vaginal após a radioterapia (Morris *et al.*, 2017).

A estenose vaginal pós-radioterapia apresenta um impacto multidimensional significativo que afeta profundamente a qualidade de vida das mulheres acometidas, podendo

DOI: 10.51161/conasm2024/38226

causar dor, dispareunia, grande desconforto na realização dos exames ginecológicos ou durante as relações sexuais. A estenose vaginal contribui para ansiedade, depressão e baixa autoestima, além de reduzir o desejo sexual, e causar problemas de relacionamento, pode levar ao isolamento social e até mesmo a interrupção da vida profissional (Damast *et al*., 2019).

O tratamento fisioterapêutico é eficaz para prevenir e tratar a estenose vaginal, por meio de recursos específicos que visam melhorar a elasticidade, a circulação sanguínea e a função dos tecidos vaginais. Este estudo tem como objetivo revisar as opções de intervenção fisioterapêutica disponíveis e sua eficácia no manejo da estenose vaginal em mulheres que foram submetidas à radioterapia pélvica.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Este resumo expandido foi elaborado por meio de uma revisão bibliográfica da literatura em bases de dados PubMed, Scopus e Scielo, por meio da utilização dos seguintes descritores: "estenose vaginal", "radioterapia", "fisioterapia", "oncologia" e "saúde da mulher". A seleção dos estudos incluiu artigos publicados nos últimos 10 anos, em português e inglês, que abordassem a atuação da fisioterapia no tratamento da estenose vaginal pós-radioterapia. Critérios de inclusão abrangeram estudos randomizados controlados (RCTs), estudos clínicos e revisões sistemáticas. Artigos de opinião e relatos de caso foram excluídos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos estudos apresenta as opções de intervenção fisioterapêutica disponíveis e sua eficácia no manejo da estenose vaginal em mulheres que foram submetidas à radioterapia pélvica.

O uso de dilatadores vaginais mostra-se eficaz no tratamento e na prevenção da estenose em mulheres submetidas a radioterapia pélvica. Seu objetivo se direciona em prevenir ou minimizar aderências vaginais, reduzindo a dor, diminuindo o desconforto na realização de exames ginecológicos e na atividade sexual. A recomendação quanto à utilização dos dilatadores deve ser proveniente de um profissional de saúde especialista conforme a necessidade de cada paciente (Matos *et al.,* 2019).

Segundo Stahl e colaboradores (2019), a utilização do dilatador até um ano após o fim da radioterapia pélvica foi um preditor significativo de risco reduzido de estenose quando comparado a não adesão do uso do dilatador.

O TMAP promove um melhor suporte e função dos músculos vaginais, melhora da propriocepção muscular e percepção da contração e relaxamento, bem como aumento do aporte sanguíneo. A combinação do uso de dilatadores vaginais e TMAP é eficaz na prevenção da estenose. Araya-Castro e colaboradores (2020) verificaram a associação das terapias. O TMAP foi realizado antes da radioterapia com acompanhamento de seis meses antes da radioterapia e quatro meses após a radioterapia. A maioria das mulheres (90,9%) manteve/aumentou um tamanho da dilatação vaginal e 81,8% voltaram a ser sexualmente ativas.

A fotobiomodulação auxilia como terapia complementar na regeneração tecidual e na redução da dor, promovendo a cicatrização adequada dos tecidos irradiados através da estimulação da síntese de colágeno e elastina no tecido vaginal, além de promover vasodilatação na mucosa vaginal (Lanzafame *et al*., 2019).

As técnicas de terapia manual auxiliam na mobilização dos tecidos cicatriciais, melhorando a elasticidade e reduzindo a presença de *trigger points* e da rigidez dos tecidos vaginais, resultando em diminuição da dor, melhora do orgasmo, desejo, excitação e lubrificação, pois atua no relaxamento da musculatura, na melhora do recrutamento muscular e incremento da vascularização local (Wolpe *et al*., 2015).

DOI: 10.51161/conasm2024/38226

A abordagem fisioterapêutica nos cuidados a mulheres acometidas com estenose vaginal pós radioterapia pélvica não se restringe somente à reabilitação, visto que o impacto do tratamento oncológico não se limita a condição de saúde, mas também com a situação de vida do indivíduo e do seu papel na sociedade, que pode ser influenciado por fatores externos como o ambiente físico e atitudes. (Castaneda *et al.,* 2019)

Os estudos destacam a importância de um programa de fisioterapia personalizado, iniciado preferencialmente logo após o término da radioterapia, para maximizar os benefícios e prevenir complicações severas. Quanto mais precoce for o início da fisioterapia pélvica oncológica maior é a chance de sucesso no tratamento da estenose vaginal e melhora da qualidade de vida da paciente.

4 CONCLUSÃO

A fisioterapia desempenha um papel crucial no tratamento e prevenção da estenose vaginal em mulheres submetidas à radioterapia pélvica. As intervenções, como o uso de dilatadores vaginais, TMAP, terapia manual, e a fotobiomodulação, demonstraram eficácia significativa. É essencial que essas abordagens sejam integradas em um programa de reabilitação personalizado e iniciado precocemente para melhorar a qualidade de vida das pacientes.

REFERÊNCIAS

ARAYA-CASTRO P, SACOMORI C, DIAZ-GUERRERO P, GAYÁN P, ROMÁN D, SPERANDIO FF. Vaginal Dilator and Pelvic Floor Exercises for Vaginal Stenosis, Sexual Health and Quality of Life among Cervical Cancer Patients Treated with Radiation: Clinical Report. **J Sex Marital Ther**. 2020;46(6):513-527.

CASTANEDA, L. *et al*. Prevalência de incapacidades e aspectos associados em mulheres com câncer de colo do útero, Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 27, n. 3, p. 307–315, jul. 2019.

DAMAST S, JEFFERY DD, SON CH, HASAN Y, CARTER J, LINDAU ST, JHINGRAN A. Literature Review of Vaginal Stenosis and Dilator Use in Radiation Oncology. **Pract Radiat Oncol**. 2019 Nov;9(6):479-491.

LANZAFAME RJ, DE LA TORRE S, LEIBASCHOFF GH. The Rationale for Photobiomodulation Therapy of Vaginal Tissue for Treatment of Genitourinary Syndrome of Menopause: An Analysis of Its Mechanism of Action, and Current Clinical Outcomes. **Photobiomodul Photomed Laser Surg**. 2019 Jul;37(7):395-407.

MATOS SRL, LUCAS ROCHA CUNHA M, PODGAEC S, WELTMAN E, YAMAZAKI CENTRONE AF, CINTRA NUNES MAFRA AC. Consensus for vaginal stenosis prevention in patients submitted to pelvic radiotherapy. **PLoS One**. 2019 Aug 9;14(8): e0221054.

MORRIS L, DO V, CHARD J, BRAND AH. Radiation-induced vaginal stenosis: current perspectives. **Int J Womens Health**. 2017 May 2; 9:273-279.

PIZETTA LM, REIS ADC, MÉXAS MP, GUIMARÃES VA, DE PAULA CL. Management Strategies for Sexuality Complaints After Gynecologic Cancer: A Systematic Review. **Rev Bras Ginecol Obstet**. 2022 Oct;44(10):962-971.

DOI: 10.51161/conasm2024/38226

STAHL JM, QIAN JM, TIEN CJ, CARLSON DJ, CHEN Z, RATNER ES, PARK HS, DAMAST S. Extended duration of dilator use beyond 1 year may reduce vaginal stenosis after intravaginal high-dose-rate brachytherapy. **Support Care Cancer**. 2019 Apr;27(4):1425-1433.

WOLPE, RAQUEL ELEINE; TORIY, ARIANA MACHADO; SILVA, FABIANA PINHEIRO DA; ZOMKOWSKI, KAMILLA; SPERANDIO, FABIANA FLORES. Atuação da fisioterapia nas disfunções sexuais femininas: uma revisão sistemática. **Acta Fisiátrica**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 87–92, 2015.

DOI: 10.51161/conasm2024/38226